

A verdade do assalto ao quartel de Beja 50 anos depois

9 de Outubro, 2010
por Mário Ramires



Quando lhe bateram à porta do quarto no posto de comando do quartel de Beja, às 2h15 da madrugada do primeiro dia do ano de 1962, o major Calapez vestiu o capote e empunhou a sua pistola Savage pronta a disparar. Nas vésperas, o coronel Stadlin Baptista, 1.º comandante do Regimento de Infantaria 3 na capital do Baixo Alentejo, passara-lhe o comando da unidade (para gozar licença) e tinha recebido informação, via telefone, do ministro do Exército, de que estaria a ser preparado um assalto ao quartel.

Alerta até de madrugada da noite da passagem do ano, na ausência de movimentações, o 2.º comandante do Regimento recolheu ao quarto no primeiro andar do quartel, mas não sem antes dar instruções precisas: passe-se o que se passar, comuniquem por telefone e em caso algum venham ao meu quarto sem prévia autorização ou ordem expressa.

Por isso, quando ouviu aquelas três pancadas na porta do quarto e as movimentações do lado de fora, o major Calapez pôs-se em guarda: estava em marcha o assalto ao quartel de Beja.

A intentona foi planeada por Humberto Delgado, que entrou clandestinamente em Portugal no dia 30 de Dezembro de 1961, dormiu na Pensão S. Jorge, em Lisboa, e viajou no dia seguinte para Beja, na companhia de Adolfo Ayala.

O General Sem Medo ficou sempre na retaguarda das operações, nunca chegou a ir sequer perto do quartel - decidiu que só o faria depois de assegurado o sucesso do golpe com que pretendia iniciar o derrube do regime (a operação designava-se caixa de fósforos e consistia em tomar o quartel e, com suas viaturas e material de guerra, fazer sair três colunas para proceder à sublevação das populações de Beja, Évora e Algarve, montando um governo revolucionário nas serras do Algarve sob a presidência de Humberto Delgado).

O golpe juntava uma brigada mista de militares (incluindo oficiais das Forças Armadas, entre os quais Jaime Carvalho da Silva, Pedroso Marques, Francisco Pestana, Brissos de Carvalho, Hipólito dos Santos e Filipe Oliveira), comandados pelo capitão Varela Gomes, e civis (cerca de oitenta, entre os

quais Edmundo Pedro, Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Piteira Santos ou Joaquim Barradas de Carvalho), sob a liderança de Manuel Serra - tendo estes vestido uniformes militares (Edmundo Pedro conta que foi a única vez que envergou farda, com divisas de capitão).

Mal entreabriu a porta do quarto, mesmo já de sobreaviso (confirmara as suspeitas quando do exterior lhe responderam que era «**o sargento da guarda**» - que nunca abandona o posto), Calapez foi ferido no tórax por um tiro disparado do exterior pelo grupo liderado por Varela Gomes que tinha a missão de prender o comandante do quartel: um disparo accidental , na versão dos revoltosos.

Calapez ripostou quase em simultâneo. Varela Gomes ficou gravemente ferido no baxo. A troca de tiros entre o major no interior do quarto e o grupo que o pretendia prender (entre os quais os tenentes Filipe Oliveira e Hipólito dos Santos) no exterior acabou com estes a baterem em retirada, carregando o capitão ferido (ainda com um segundo tiro) para o carro que o conduziria de imediato ao hospital da cidade.

Calapez, já quase sem munições, aproveitou a oportunidade para comunicar por telefone (do quarto) para o exterior, pedindo o auxílio da GNR e da PSP. E, após alguns encontros imediatos com assaltantes (que conta com pormenor ao longo de um manuscrito de 26 páginas em que descreve todos os acontecimentos), conseguiu chegar a uma arrecadação onde sabia estarem guardadas as pistolas-metralhadoras Vigneron chegadas há dias.

Às escuras, para não ser descoberto pelos revoltosos que ouvia percorrerem os corredores à sua caça, armou e carregou uma metralhadora e saiu com quatro carregadores.

Acabou por alcançar um átrio lateral do quartel, elevado, junto à capela, de onde controlava a porta de armas e avistava o acesso à cidade.

Conquistou posição e confirmou o que já suspeitava: que os seus homens aquartelados tinham ficado presos nas casernas e o quartel estava tomado pelo grupo de assaltantes, militares e civis com uniformes do Exército, mas vários com sapatilhas. O grupo contara com a conivência de três oficiais no interior do quartel, que abriram as portas, anularam os sentinelas e trancaram as casernas.

Calapez foi eliminando vários revoltosos enquanto esperava pela chegada de reforços. Que tardavam. Tanto que o major, temendo ficar a descoberto com o nascer do dia, foi buscá-los a Beja, já com o capitão Camilo Delgado. E ele próprio organizou o cerco ao quartel e o ataque final.

O balanço das vítimas mortais do assalto ao quartel de Beja nunca foi divulgado. Mas foram muitos mais do que os publicamente conhecidos.

Nos jornais da época regista-se sobretudo o falhanço da intentona e a morte do subsecretário de Estado do Exército, coronel Jaime Filipe da Fonseca, atingido

a tiro quando saía do carro junto ao quartel - nunca se esclareceu o porquê da sua presença.

O golpe falhou. Pela primeira vez, oficiais do Exército foram entregues à PIDE. Os que conseguiram fugir (incluindo Edmundo Pedro, Manuel Serra e Eugénio Oliveira) acabariam por ser apanhados. Foram julgados e condenados. Humberto Delgado não. Mal a coisa começou a dar para o torto, deixou Beja - diz-se que saiu de Portugal, disfarçado, no comboio Foguete - começou aí a missão de Rosa Casaco, que terminou como se sabe.

Henrique Calapez Silva Martins nasceu em Silves no dia 6 de Março de 1918. Completou os estudos na Escola do Exército e foi o primeiro oficial português a desembarcar em Timor depois do armistício, em 1945, integrado na força internacional que devolveu a Portugal a soberania sobre o território ocupado pelas tropas japonesas. Deixou Timor, onde içou a bandeira portuguesa, em 1946, para cumprir missão em Moçambique (1948-49). Esteve depois em Tomar (onde foi colega de armas de Varela Gomes, com quem, aliás, jogava ténis) e em Abrantes, antes de ser colocado (em 1950) no Regimento de Infantaria 3 em Beja, onde passou a 2.º comandante em 1960. Durante a Guerra Colonial, comandou o Batalhão de Caçadores 505, no Catete, Angola (1963-65), e cumpriu missões em Cabo Verde (comandante militar da Ilha, 1967-69) e na Guiné (presidente do Supremo Tribunal Militar, 1969-70).

Regressou a Beja em 1970, para comandar o DRM até 1973, ano em que foi eleito deputado à Assembleia Nacional. Nos arquivos digitais do Parlamento não há registo de intervenções, mas na cronologia do site Abril de Novo é-lhe atribuída em Janeiro de 1974 a defesa da **«necessidade premente da actualização do sistema penal a todos os actos de subversão e de terrorismo praticados no país»**.

No dia 11 de Março de 1975, o coronel Calapez é preso na sua residência em Beja. Recusa cumprir a ordem do primeiro mandado de captura por não estar assinada por um graduado superior. Ao segundo mandado, assinado por Rosa Coutinho, o Almirante Vermelho, apresenta-se no quartel de Beja, de onde é transferido primeiro para Pinheiro de Cruz e depois para a prisão de Caxias.

Silvério é o nome do seu carcereiro. Um silvense de origens humildes e cuja mãe, desde que enviuvou e ficou a seu cargo com numerosa prole, o pai do coronel Calapez ajudara.

Henrique Martins, o pai, foi um emérito republicano, maçom e filantropo, amigo e correligionário de Afonso Costa, que liderou o Partido Democrático no Algarve durante a 1.ª República. No Estado Novo, liderou a oposição a Salazar na região e resistiu sempre à perseguição do regime ao jornal de que era proprietário e director - *A Voz do Sul*, cuja linha editorial crítica lhe valeu o veto dos anunciantes e a permanente censura.

Curiosamente, Henrique Calapez foi delegado da Comissão de Censura em Beja (como consta da sua ficha parlamentar: foi também comandante distrital da Legião Portuguesa de Beja, adjunto da Defesa Civil no Território do distrito,

director do Centro de Milícia da LP bejense e adjunto da Delegação Provincial do Baixo Alentejo da Legião Portuguesa).

Silvério tornou menos difíceis os meses de reclusão do coronel em Caxias. E permitiu, por exemplo, que a família assistisse à troca de alianças e de votos nas bodas de prata de Henrique Calapez com Delfina Neves, a sua companheira em mais de 50 anos de casamento, que esteve com ele sempre, mesmo durante a Guerra Colonial, e com quem teve cinco filhos, sete netos e uma bisneta.

Calapez sempre reservou público e honroso silêncio sobre a sua versão dos acontecimentos em que, sozinho, logrou frustrar o assalto ao quartel de Beja. Apesar do falhanço, Amílcar Cabral referir-se-lhe-ia como «**mais uma vitória do povo português**» (meses antes ocorrera o assalto ao Santa Maria).

Em 1987, por ocasião da Presidência Aberta Alentejo Verde , Mário Soares, à chegada a Beja, diria: «**Se não fosse um tal de major Calapez, o 25 de Abril teria sido 15 anos antes**».

O coronel, na reserva, pegou na medalha que lhe fora atribuída por proposta do Governo e devolveu-a ao então primeiro-ministro, Cavaco Silva, explicando em carta, em súmula, que prescindia dela - até porque tinha muitas outras (de comportamento exemplar, grau de ouro, comendador da Ordem de Avis, cinco de campanha por Timor, Moçambique, Angola, Cabo Verde e Guiné, duas da Legião Portuguesa, duas de mérito militar e duas de valor militar).

Henrique Calapez Silva Martins faleceu no sábado. Teve honras militares, mas só familiares e amigos acompanharam a sua última viagem.